

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE TURISMO

Natassja Rios Ferreira

**INTERCÂMBIO UNIVERSITÁRIO E HOSPITALIDADE: O CASO DO
PROJETO BUDDY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Juiz de Fora – MG

2022

NATASSJA RIOS FERREIRA

**INTERCÂMBIO UNIVERSITÁRIO E HOSPITALIDADE: O CASO DO
PROJETO BUDDY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Campus Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Raphaela Maciel Corrêa

Juiz de Fora - MG

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais e a minha irmã, que me apoiaram durante todo o processo de construção deste trabalho. Especialmente, ao meu pai, que, como professor universitário, dispôs de tempo para revisar meus textos comigo diversas vezes. À minhas amigas, Glenda Ebert e Isamara Canuto, que por diversas vezes me escutaram falar sobre a produção deste trabalho e me aconselharam baseadas em suas próprias experiências. Ao Hugo Nogueira, responsável pelos acordos da Diretoria de Relações Internacionais da UFJF, por sempre ser muito solícito em relação à informações sobre a DRI e o Projeto Buddy. Ao Professor Humberto Fois-Braga por desenvolver os questionários junto a mim e por todo o conhecimento que me passou sobre hospitalidade, me incentivando a escolher este como tema para o meu trabalho. Por fim, à Professora Raphaela Corrêa por me orientar e ajudar durante todo o processo.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender como se dá a relação entre estudantes anfitriões e intercambistas, no acolhimento realizado pelo Projeto Buddy, filiado à Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para tanto, a pesquisa procurou entender a proposta e o funcionamento do referido Projeto, dialogando com uma revisão bibliográfica sobre temas como hospitalidade e estrangeiro, mobilidade acadêmica, acolhimento institucional e intercâmbio cultural. Complementa a metodologia da pesquisa, uma análise quantitativa e qualitativa das respostas obtidas a partir da aplicação, pela própria autora, de dois questionários semiestruturados e anônimos, aos intercambistas presentes na UFJF durante os anos de 2017 e 2018 e aos chamados buddies brasileiros presentes no projeto em análise, durante esse mesmo período. Tal análise possibilitou o entendimento da supracitada relação no contexto institucional e social em que se desenvolve, evidenciou a importância dos estudos de hospitalidade e acolhimento para a vida de intercambistas em um ambiente universitário, bem como a contribuição do Projeto Buddy para a UFJF e sua comunidade acadêmica, dado os diversos impactos positivos constatados. Concomitantemente, foi possível identificar algumas fragilidades e lacunas, para as quais esse trabalho traz proposições e sugestões para o melhoramento do Projeto Buddy como um todo e da relação entre intercambistas e anfitriões.

Palavras-chave: Estrangeiro; Hospitalidade; Intercâmbio universitário; UFJF; Projeto Buddy

ABSTRACT

The main goal of this paper is to comprehend how the relationship between host students and exchange students takes place in the reception process carried out by the Buddy Project from Universidade Federal De Juiz de Fora's International Office. To this end, the research attempted to understand the proposal and functioning of the aforementioned Project, dialoguing with a bibliographical review on topics such as hospitality and foreigners, academic mobility, institutional reception and cultural exchange. Complements the research methodology, a quantitative and qualitative analysis of the answers obtained from the application, by the author herself, of two semi-structured and anonymous questionnaires, to the exchange students present at UFJF during the years 2017 and 2018 and to the Brazilian so-called "buddies" present in the project under review during the same period. This analysis made it possible to understand the aforementioned relationship in the institutional and social context in which it develops, highlighting the importance of hospitality and welcoming studies for the life of exchange students in a university environment, as well as the contribution of the Buddy Project to UFJF and its academic community, given the various positive impacts observed. At the same time, it was possible to identify some weaknesses and gaps, for which this work brings propositions and suggestions for improving the Buddy Project as a whole and the relationship between exchange students and hosts.

Key words: Foreigner; Hospitality; University exchange; UFJF; Buddy Project

1. INTRODUÇÃO

Ao se inserir em um território desconhecido, um estrangeiro se vê diante da necessidade de interpretar o modelo cultural de um novo grupo social de modo a conseguir compreendê-lo e ao mesmo tempo ser compreendido e aceito pelo mesmo. São novas formas de sociabilidade, novos conhecimentos e novas experiências que envolvem pessoas com diferentes hábitos, costumes, crenças, saberes, desejos, competências, múltiplas filiações e vínculos identitários.

E quando é preciso se integrar e interagir de maneira prolongada com os habitantes locais, o estrangeiro vive a estranheza e, no processo de descoberta do outro, acaba por descobrir muito de si mesmo, num verdadeiro exercício de alteridade. A língua é um dos maiores referentes culturais e vai se revelar um grande desafio para o estrangeiro, que precisa transformar seus pensamentos em atos de interação, na medida em que a língua natal passa a servir apenas para falar consigo mesmo e dar refúgio aos pensamentos.

Logo, tal como observa Freitas e Dantas (2011, p.606), a maneira como um estrangeiro é recebido por um certo grupo dependerá de diversos fatores entre os quais os autores sublinham: a percepção que o grupo tem de sua utilidade, a imagem que o grupo tem sobre o seu país, as razões e as condições de sua inserção no grupo, bem como os privilégios que os membros deste estão dispostos a repartir. Fatores determinantes para a interação entre as partes, visto que pode se dar de maneira enriquecedora para os envolvidos, mas também pode elevar o nível de conflitos e choques, pois a presença de um estrangeiro não é isenta de ambiguidades, fascínio e riscos (MÉNÉCHAL e outros, 1999, apud. Freitas e Dantas, op.cit).

Nesse contexto, o estrangeiro deve enfrentar as diferenças e direcionar um enorme esforço de adaptação e de negociação para a comunicação com o grupo que, por sua vez, precisa estar aberto para acolher. Vale observar, ainda, que tal processo não se dá de forma universal, depende também da própria posição ocupada pelo estrangeiro, sendo diferente a experiência que terá um turista de um refugiado, por exemplo. No presente trabalho, cabe analisar como ocorre a inserção de estrangeiros em um programa institucional acadêmico que os denominam como intercambistas.

O conceito de intercâmbio é, internacionalmente, visto como a troca de algo entre duas partes, uma reciprocidade de relações, seja ela comercial, cultural, informacional, entre outras. Uma forma amplamente difundida mundialmente é o intercâmbio universitário: aquele realizado por um estudante de nível superior que opta por concluir parte de sua graduação em uma instituição estrangeira para adquirir diferentes conhecimentos e experiências, retornando em seguida à sua instituição de origem.

Segundo Quiroga (2020):

O desenvolvimento de processos de internacionalização tem sido caracterizado pela inclusão de programas de mobilidade internacional para estudantes de graduação. Esta atividade serve ao conhecimento dos estudantes de outros sistemas universitários e à própria participação dos estudantes em grupos de estudantes estrangeiros. (QUIROGA, 2020, p. 6)

Na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, este tipo de mobilidade acadêmica se torna possível através dos acordos firmados pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da universidade. Coelli (2014), em sua pesquisa *“Turismo de Estudos e Intercâmbio: Antes, Durante e Depois - Uma análise sobre ex-intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil)”*, aponta que desde o ano 2006, a UFJF, através da DRI, vem desenvolvendo acordos de cooperação internacional que recebem alunos estrangeiros para a experiência de vida acadêmica na UFJF, no entanto, encontram-se registros anteriores à essa data, os quais remetem à década de 1970, sendo difícil pontuar o início exato. A página oficial da Diretoria de Relações Internacionais apresenta:

A DRI da UFJF tem como objetivo central a elaboração e execução de políticas de cooperação internacional, consolidando as estratégias para o crescimento institucional e fomentando a qualificação das atividades acadêmicas de âmbito internacional. As ações da DRI estão fundamentadas na captação, implementação, consolidação e acompanhamento de convênios, programas e projetos de parcerias universitárias binacionais. A diretoria facilita e estimula o intercâmbio de docentes-pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação e a inserção das atividades da UFJF no contexto mundial. (Diretoria de Relações Internacionais da UFJF apud Coelli, 2013, p. 739)

A partir destas oportunidades de mobilidade, a UFJF passa a receber uma quantidade cada vez maior de alunos estrangeiros, que trazem consigo certas demandas. A fim de suprir as necessidades de acolhimento e integração

destes estrangeiros a um novo ambiente, surge, associado à DRI, o Projeto Buddy: uma organização discente formada por alunos voluntários da universidade, dispostos a ajudar esses intercambistas a ter uma melhor experiência durante sua estadia, oferecendo-lhes hospitalidade.

Entende-se aqui como hospitalidade “o ato de acolher o outro de forma que se situe o outro além de si próprio” (GOTMAN, 2019 apud COSTA e BRUSADIN, 2021). Os autores ainda acrescentam:

Acolher o outro como hóspede significa aceitarmos e recebê-lo em nossa cidade, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e possuímos em busca de lugares de eleição para mediação humana (COSTA e BRUSADIN, 2021, p.376).

Diante do objetivo nobre do Projeto Buddy, que se propõe a ser uma fonte de hospitalidade e acolhimento para estudantes estrangeiros que estão realizando mobilidade acadêmica no Brasil, este trabalho se propõe a compreender como ocorre o processo de hospitalidade realizado pelo projeto na relação *buddy*-intercambista, bem como entender seu funcionamento e correlacionar os processos utilizados com os estudos disponíveis sobre o tema.

A motivação para tal pesquisa surge da experiência da própria autora que já experienciou estar em ambos os lados analisados, tendo sido intercambista pela UFJF na Kanda University of International Studies, no Japão, e também tendo sido *buddy* e coordenadora do Projeto Buddy durante sua graduação. Tendo assim, vivenciado tanto a experiência de ser acolhida como a de acolher, desenvolvendo, então, interesse em analisar como os dois lados desse acolhimento enxergam um ao outro.

Para a realização deste trabalho, a pesquisa apresenta revisão bibliográfica de temas como hospitalidade e estrangeiro, mobilidade acadêmica, acolhimento institucional e intercâmbio cultural, a fim de analisar as relações entre os estrangeiros em intercâmbio acadêmico recebidos pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal de Juiz de Fora e o ambiente acadêmico e institucional no qual eles são inseridos. Para tal, foram levantados dados bibliográficos através de livros e artigos de autores renomados.

Através de pesquisa exploratória, foi aplicado pela própria autora dois questionários semiestruturados e anônimos, com perguntas abertas e

fechadas, direcionado a intercambistas presentes na UFJF durante os anos de 2017 e 2018 e a *buddies* brasileiros presentes no Projeto Buddy durante este mesmo período. Tais questionários foram originalmente desenvolvidos pela autora e pelo Professor Doutor Humberto Fois-Braga, em 2018, como parte de projeto de pesquisa realizado durante uma bolsa de monitoria no curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Com a permissão de Humberto Fois-Braga, os questionários são utilizados nesta presente pesquisa como forma de consulta.

Os questionários são divididos em tópicos e os dados levantados trazem uma descrição quantitativa e qualitativa sobre o perfil dos entrevistados, a relação dos mesmos com o Projeto Buddy, os hábitos gerais do intercambista no Brasil, bem como sua relação com os brasileiros, e suas relações de conflito, através da visão do próprio intercambista.

Os intercambistas solícitos a responderem a pesquisa tem sua idade entre 20 e 28 anos, dos que informaram gênero, são 70% (7) mulheres e 30% (3) homens e são provenientes de três países: Dinamarca, Coréia do Sul e Japão.

Os *buddies* solícitos a responderem a pesquisa tem sua idade entre 18 e 28 anos, dos que informaram gênero, são 56% (5) homens e 44% (4) mulheres e foram *buddies* dos estrangeiros acima descritos.

Desta forma, esta pesquisa considera os resultados da pesquisa exploratória, bem como os estudos do material analisado para alcançar seus objetivos de: (1) analisar a relação dos estrangeiros em questão com o Projeto Buddy da DRI; (2) sua relação de troca e acolhimento com os brasileiros anfitriões; (3) seus hábitos no Brasil; (4) suas relações de conflito a luz da teoria da hospitalidade.

Procura-se, ainda, evidenciar a importância dos programas e projetos de hospitalidade e acolhimento para a vida de intercambistas em um ambiente universitário em um processo de intercâmbio acadêmico.

Para tal, em um primeiro momento, apresenta-se com detalhamento as funções e atividades da Diretoria de Relações Internacionais da UFJF, bem como do Projeto Buddy, para melhor entendimento do funcionamento do processo de acolhimento dos estrangeiros na universidade. Em um segundo momento, analisa-se algumas respostas abertas dos entrevistados à luz da

teoria do estrangeiro, a fim de fazer uma associação para melhor entender-se a relação entre os conceitos de estrangeiro e a vida destes intercambistas em questão fora de seus países. Por último, são analisadas outras respostas dos entrevistados, associando a relação intercambista-*buddy* aos conceitos estudados de hospitalidade.

2. A DIRETORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O PROJETO BUDDY DA UFJF

A Diretoria de Relações Internacionais da UFJF tem por função administrar os acordos entre Universidades estrangeiras e a UFJF, auxiliar na vinda de estudantes e professores estrangeiros para a Universidade, bem como recebê-los e ajudá-los em sua chegada. Cabe ainda à DRI a saída de estudantes da UFJF para intercâmbio institucional no exterior. Para a realização de todas essas funções, a DRI conta com diversos núcleos e projetos afiliados responsáveis por diferentes etapas deste processo de hospitalidade.

O envio de estudantes da UFJF para o exterior acontece, atualmente, de forma institucional, através do programa *Outgoing* da UFJF, nomeado PIIGRAD. O PIIGRAD é o programa de Intercâmbio Internacional de Graduação da UFJF e tem por objetivo oportunizar aos alunos cursarem parte da graduação no exterior. Ele também permite aos intercambistas vivenciar a cultura e a língua de outros países e é um programa aberto a todos os estudantes de graduação da UFJF que ocorre anualmente com seleção realizada através de edital. São disponibilizadas bolsas de estudo para os melhores colocados, respeitando critérios de excelência acadêmica e renda. De 2016 a 2019 foram 387 intercambistas enviados para cursar parte de sua graduação em 24 destinos diferentes ao redor do mundo.

Já no que diz respeito à recepção de estudantes estrangeiros, essa acontece através dos programas *Incoming* da universidade. Existem algumas formas de intercâmbio *Incoming* pelas quais alunos estrangeiros podem ter a oportunidade de cursar parte de sua graduação ou até mesmo sua graduação inteira na UFJF. O mais comum, é o programa de intercâmbio por acordo

bilateral que ocorre todo ano, recebendo estudantes de todo o mundo para cursarem de 1 a 2 semestres (de 6 meses à 1 ano) na UFJF. Existem ainda programas como o PEC-G, o PEC-PG e o ProAfri, que recebem estudantes para cursar uma graduação ou uma pós-graduação inteira na universidade. Na pesquisa consultada neste presente trabalho, os estudantes entrevistados eram 100% provenientes do intercâmbio por acordo bilateral.

Os acordos firmados ao redor do mundo pela DRI da UFJF são de diferentes naturezas. Alguns acordos são firmados de forma que apenas os estudantes da UFJF possam ir para a Universidade estrangeira cursar parte de sua graduação, enquanto outros são firmados de forma que apenas o estudante estrangeiro possa vir para a UFJF para intercâmbio. Há ainda os acordos bilaterais, nos quais ambas as situações são possíveis: as duas universidades presentes no acordo recebem alunos para intercâmbio provenientes da outra universidade. Desta forma, muitos dos alunos estrangeiros que a UFJF recebe, são originalmente de universidades para as quais os alunos da UFJF também podem ir.



Recepção aos intercambistas de 2019. Fonte: Diretoria de Relações Internacionais.

Perante tantos acordos estabelecidos pela DRI e o alto fluxo de estudantes estrangeiros presentes no campus, bem como a grande quantidade de estudantes da UFJF interessados em realizar intercâmbio ou até mesmo

que já realizaram, surge a necessidade de se fazer esta ponte para troca de experiências entre esses dois grupos. A partir dessa ideia, visando melhorar o processo de acolhimento do intercambista estrangeiro, assim como proporcionar oportunidades de troca de experiência para os alunos da UFJF, surge o Projeto Buddy.

O Projeto Buddy, inspirado em experiências como o programa europeu Erasmus Mundus, foi idealizado pela aluna Eliza Feres Botelho do curso de Turismo da UFJF, após retornar de seu intercâmbio em Portugal. Atualmente, o projeto é comandado por alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora e é um programa voluntário e independente, afiliado à DRI, de acolhimento a alunos internacionais, que possui como principais objetivos: facilitar a adaptação cultural do intercambista e auxiliar nos processos burocráticos da Universidade.

A página oficial da Diretoria de Relações Internacionais na internet¹, apresenta o Projeto Buddy da seguinte maneira:

O Projeto Buddy (...) tem como objetivo apoiar os estudantes internacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) a se estabelecer em uma nova cultura e auxiliar nos processos burocráticos da instituição. Os *Buddies* que acompanham os alunos estrangeiros são estudantes da própria universidade que passaram por uma seleção rigorosa para fazer parte da equipe. As funções pontuais de um Buddy são muito variadas e vão desde ser o primeiro amigo do intercambista – uma pessoa de confiança para ele – até ajudá-lo a fazer seu Registro de Estrangeiro, CPF, carteirinha de estudantes, apresentar pontos turísticos da região, entre outros. Também são promovidos eventos mensalmente para interagir e mostrar a cultura do Brasil e da cidade para os intercambistas. A meta do projeto é dar aos intercambistas uma experiência de intercâmbio mais proveitosa.

O Projeto Buddy se divide em dois grupos com diferentes funções: a coordenação e os “*buddies*”. Cabe à coordenação o manejo interno do projeto. Isso acontece através de 4 departamentos: comunicação, eventos, gestão de pessoas e moradia. Esses departamentos irão exercer diversas funções, como realizar os processos de comunicação do projeto com o público externo, principalmente através do Instagram oficial; promover eventos para a socialização de todos os integrantes do projeto, entre *buddies*, coordenação e intercambistas; auxiliar o intercambista na sua procura por moradia na cidade de Juiz de Fora; e parear os *buddies* com os intercambistas, formando duplas.

¹ Disponível em: <https://www2.ufjf.br/internationaloffice/> Acesso em: 09/12/2022

Os *buddies* se tratam de alunos voluntários da UFJF que se dispõem a acompanhar um intercambista em seu processo de adaptação ao Brasil, ajudando com tarefas do dia a dia, burocracias, diferenças culturais e inserção ao novo ambiente. Cada *buddy* – aluno da UFJF – é pareado com um intercambista. Esses alunos da UFJF são selecionados através de processo seletivo semestral realizado pelos membros da coordenação. É também através deste processo seletivo que novos membros da própria coordenação são selecionados.

Espera-se através deste pareamento que o *buddy* seja o primeiro contato de apoio para o estudante estrangeiro, ajudando-o a iniciar o desenvolvimento de suas relações no Brasil. Ao analisar o projeto e escutar os relatos dos participantes envolvidos – os próprios intercambistas que são recebidos – é possível perceber que muitos desses pareamentos *buddy-intercambista* estabelecem relações de hospitalidade, troca e confiança.

No entanto, ao analisar as relações *buddy-intercambista* aqui em pauta, encontramos também casos de pareamentos mal sucedidos, nos quais as relações de hospitalidade e troca não se estabelecem e as duas personas – ou uma das personas – envolvidas não conseguem ou não se interessam em desenvolver contato, fazendo com que o intuito do projeto não se cumpra de forma efetiva.

Dessa forma, a seguir, analisa-se algumas das respostas concedidas através do questionário à luz do conceito de estrangeiro, a fim de entender a forma como esses intercambistas se veem em outra terra. Mais adiante, analisa-se outras respostas a fim de compreender a relação de hospitalidade estabelecida entre os envolvidos.

3. DO ESTRANGEIRO

Em um primeiro momento, pretende-se aqui analisar a relação entre os estrangeiros recepcionados pela UFJF e os alunos brasileiros que se disponibilizam a recebê-los, focando inicialmente na própria relação deste estrangeiro com o novo país e cultura. Cabe analisar a relação do que chega com o próprio fato de estar em posição de estrangeiro por si só.

Segundo Montandon (2011):

O termo *estranger*, atestado em francês desde 1050, provém da palavra latina *extraneus* que, segundo A. Rey (1942), significa “que não é da família, do país”. O prefixo *extra* assinala a proveniência de fora, de outro país, daquele que vem ao encontro do locutor. Assim, aquele que mais tarde se chamará de estrangeiro põe em jogo uma interseção, um encontro de duas espacialidades diferentes: a do autóctone e a do desconhecido (MONTANDON, 2011, p.795).

Ao pesquisar-se pelas definições de estrangeiro no dicionário Oxford Languages, pode-se deparar, ainda, com “aquele que não pertence ou que se considera como não pertencente; estranho”. Kristeva (1994, p.13) aponta para as dificuldades que o estrangeiro encontrará em sua jornada: ser um a mais, uma palavra incompreensível, um comportamento incomum. Diversas são as dores que este carrega. A perda de sua mãe, de sua pátria, e a eterna procura por este país que ele traz em seu sonho, mas que não existe. Perante seus diversos conflitos, tem-se ainda o encontro, a relação com o outro, o ser visto como hóspede.

Ao trazermos tal cenário para os estrangeiros que responderam ao questionário aqui analisado, procurou-se compreender, em meio a estes conflitos, as dificuldades iniciais e os processos de adaptação por eles enfrentados. Para isso, questionou-se o que eles estranharam quando chegaram ao Brasil. As respostas mais frequentes foram relacionadas à: segurança, falta de espaço pessoal, problemas com atraso por parte dos brasileiros e as lojas fecharem muito cedo. Ao serem perguntados se ainda consideram essas coisas estranhas, 13 de 18 responderam já ter se acostumado.

É interessante, no entanto, notar, que conforme as perguntas continuam, os mesmos assuntos continuam a ser trazidos à tona, tanto para falar de coisas que são boas quanto para falar de coisas que são ruins. Ao serem perguntados qual hábito brasileiro acreditam já ter incorporado à sua rotina, muitos citam os exatos hábitos que consideraram estranhos em um primeiro momento. As respostas mais comuns foram: Se atrasar para compromissos, sendo este o mais citado, beijos e demonstrações de afeto em público e ter cuidados de segurança ao andar na rua.

Coincidentemente, ao serem perguntados sobre quais hábitos brasileiros não gostariam de incorporar, outros intercambistas citam esses exatos mesmos hábitos novamente: atrasar para compromisso, o hábito de “ficar” dos relacionamentos brasileiros e não ser direto para dizer o que pensa.

Vemos, então, uma certa resistência por parte de alguns e uma tentativa de se enturmar por parte de outros, pois, apesar de quase todos terem afirmado já ter se acostumado com o que consideravam estranho inicialmente, parte deles incorporou esses hábitos e parte se recusa a incorporar.

Sobre essa relação com os hábitos do novo lugar, Montandon (2011) aponta:

Nessa perspectiva, não basta para que haja hospitalidade que o estrangeiro entre num grupo ou num dado lugar, mas que faça parte dele, ou seja, que possua direito reconhecidos (...). Assim ele se dobra aos códigos e às regras do grupo ao qual se junta momentaneamente. A contradição vem do fato de que ele deve então mimicar ou imitar os ritos e os códigos do grupo que não são os seus. A relação do estrangeiro com a hospitalidade faz refletir sobre a própria noção de rito. Segundo Van Gennep, a integração num grupo não constitui nem mais nem menos do que um teste de margem. Esta exige que o novo membro se separe de seu grupo de origem para se fundir completamente no outro. Ora, o próprio *status* do estrangeiro (o que o define) impede que essa “agregação”, para retomar um termo de Van Gennep, ocorra completamente. O estrangeiro é esse outro que não deve nunca ser completamente assimilado ao outro (seria perder sua especificidade de estrangeiro) (MONTANDON, 2011, p. 801).

Vemos então, segundo a fala de Montandon, que os estrangeiros aqui analisados estavam, ao incorporar hábitos brasileiros que um dia consideraram estranhos, tentando se dobrar aos códigos do grupo pelo qual gostariam de ser acolhidos. E, como o próprio afirma, o próprio *status* de estrangeiro não permite que tal agregação seja feita de forma completa, pois este outro nunca será completamente assimilado como pertencente ao grupo que está tentando mimicar, vide os estrangeiros que se recusam a aceitar os novos hábitos.

Seguindo com o questionário, procura-se analisar, após essa absorção de novos hábitos, de que forma se desenvolve a relação deste estrangeiro com os brasileiros do seu convívio. Pergunta-se então, o que ele, o estrangeiro, acredita que já aprendeu com os brasileiros. Desta pergunta, a maioria das respostas são muito positivas. Algumas delas são: aprendi a como ajudar as pessoas, ser humilde e bondoso e a ser carinhoso e amigável. De um ponto

mais estereotípico, há também quem tenha dito que aprendeu a se utilizar do “jeitinho brasileiro”, citado por eles mesmos já através desta conhecida expressão.

Já ao serem perguntados quais hábitos eles acreditam ter ensinado aos brasileiros, as respostas foram menos subjetivas e mais pontuais: pontualidade, cultura da Coréia do Sul, comer comidas apimentadas, fazer comida japonesa e comer comida dinamarquesa. Podemos ver um laço muito forte com seus países de origem relacionado à comida.

Lashley e Morrison (2004) apontam sobre a relação com a comida que:

Os alimentos e as bebidas, em particular, desempenham um papel importante na definição da identidade de grupos, comunidades e sociedades, bem como na definição do relacionamento entre os indivíduos e o contexto social mais amplo. (LASHLEY E MORRISON, 2004, p. 11)

Podemos ver que os estrangeiros aqui em análise se utilizaram de fato dos alimentos para estabelecer uma relação com os seus anfitriões e para compartilhar vínculos e laços de memórias com seu lugar de origem.

Em seguida, procura-se compreender os estereótipos e o imaginário desse estrangeiro sobre o Brasil. Para isso, faz-se perguntas sobre o imaginário que eles carregavam sobre o país antes de conhecê-lo e o que mudou desde então. Através disso, é possível analisarmos a presença de diversos estereótipos. Gonçalves e Azevedo (2020) apontam:

A intercultura é o espaço no qual as culturas de diferentes sujeitos interagem e, portanto, é um meio propício à formação de estereótipos. Como o ato de estereotipar é realizado pelo homem como uma maneira de organizar a realidade que o cerca, o estereótipo pode ser considerado como um conjunto de crenças e expectativas criadas sobre os grupos e, portanto, indica a maneira como o sujeito vê a si mesmo e aos outros, separando-os em categorias por características que se aproximam ou se distanciam. (GONÇALVES E AZEVEDO, 2020, p. 76)

Como estudantes do idioma com pretensão de conhecer o Brasil e realizar um intercâmbio no país, é de se esperar que estes estrangeiros tivessem estereótipos a respeito do que encontrariam. Tais estereótipos podem complexificar a prática da hospitalidade, frente a uma generalização e visão simplista que ignora individualidades e subjetividades, dificultando até mesmo a relação entre *buddies* e intercambistas.

Frente a isso, ao serem perguntados se havia alguma coisa que pensavam sobre o Brasil que se confirmou verdadeira ao chegarem aqui, as respostas foram: A comida brasileira é muito boa, o Brasil é um país com muita diversidade, as pessoas se atrasam muito, não é um local seguro e brasileiros são muito amigáveis.

Em contraponto, ao serem perguntados se havia alguma coisa que pensavam sobre o Brasil e que se provou não ser verdade, outros estereótipos surgem. É interessante, primeiramente, notar que a segurança aparece tanto em um ponto verdadeiro como em um ponto falso. Apesar de o Brasil ter sido citado como um local não seguro acima, ao serem perguntados algo que se provou não ser verdade, a resposta mais frequente foi que pensavam que o Brasil seria um lugar não seguro, mas que isso não aconteceu. Além disso, alguns citaram como nem todos gostam de futebol e de samba e que nem todos são abertos e extrovertidos como eles esperavam.

Montandon (2011, p.803) cita Pierre Brunel ao afirmar que a imagem que as pessoas têm de um local envolve características intelectuais e afetivas, objetivas e subjetivas. Dessa forma, nenhum estrangeiro jamais verá o país em questão da forma que o local gostaria que ele o visse. Nesse momento, entram os estereótipos, pois a imagem que o estrangeiro terá do lugar será um reflexo dele.

É válido ainda salientar que, como afirma Stuart Hall, a identidade é algo móvel, assumindo o sujeito diferentes identidades em diferentes momentos, o que torna o conceito do estereótipo inválido pois, visto que o sujeito tem uma identidade mutável, é impossível classificá-lo e defini-lo como algo específico. Hall aponta:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2006, p.12)

Ao que diz respeito a contradição que vimos sobre o termo segurança, Bauman (2017) aponta que “The Shorter Oxford English Dictionary define

segurança como a “condição de ser protegido do perigo ou de não ser exposto a ele.” Podemos ver esta como uma questão subjetiva pois o que é considerado exposição ao perigo para uns pode não ser para os demais. Dessa forma, a pessoa que apontou a insegurança como uma realidade, tem uma visão diferente das demais que apontaram o Brasil, mais especificamente Juiz de Fora, como um local seguro de se viver. O próprio fato de se estar em um local desconhecido pode ser visto como uma fonte de insegurança. Pois, como afirma Montandon (2011):

A estranheza inicial do desconhecido, tanto quanto a distância que o mantém em seguida num *status* precário ou inferior concedido num quadro de hospitalidade, relembram o vínculo com uma espacialização da diferença cultural. (MONTANDON, 2011, p. 797)

Por fim, de 18 entrevistados, ao classificarem sua relação com o Brasil de 1 a 5, onze classificaram como 5, quatro classificaram como 4, dois classificaram como 3 e um classificou como 1.

A seguir, cabe analisar a relação desses mesmos estrangeiros com o Brasil através do olhar dos seus *buddies*. Da mesma forma que se realizou com os estrangeiros, foi perguntado aos brasileiros se eles notaram algum estranhamento inicial do intercambista ao Brasil. Para isso, as respostas mais comuns foram: o excesso de contato físico brasileiro e questões relacionadas à necessidade do uso do idioma local, que, para o estrangeiro, era restrito. Podemos notar que a questão do contato físico volta à tona, após ter sido citada pelos próprios intercambistas. No entanto, nenhum intercambista citou sua própria dificuldade em lidar com o idioma.

Sobre a relação do estrangeiro com a língua do novo país, Derrida (2003) reflete:

Entre os graves problemas de que tratamos aqui, existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. (DERRIDA, 2003, p.15)

Como aponta Derrida, este estrangeiro deve pedir hospitalidade em uma

língua que não é a sua, o que explica os brasileiros notarem tal estranhamento por parte do estrangeiro à língua como algo inicial da relação desses estrangeiros com o novo país, visto que é diretamente a estes brasileiros em questão que a hospitalidade foi solicitada.

Em seguida, pergunta-se também ao brasileiro quais hábitos do Brasil ele acredita que o estrangeiro incorporou. Os assuntos se repetem novamente ao ter-se como tópicos mais mencionados a falta de comprometimento com o horário e a capacidade de ser mais alegre e aberto com as pessoas em suas relações. Já em relação a ter reparado algum desconforto ou julgamento da parte do estrangeiro à alguma atitude ou hábito brasileiro, as respostas mais comuns foram: a falta de responsabilidade com horários e prazos e o contato e aproximação física sem intimidade para tal.

Podemos ver esses dois últimos hábitos – a responsabilidade com horários e o contato físico – serem citados com muita frequência por ambos os grupos, estrangeiros e brasileiros. São esses dois fortes pontos de conflito na relação de hospitalidade estabelecida entre estes dois grupos e são pontos fortes o bastante para serem capazes de afastar ou aproximar possíveis relações. Montandon (2011) ressalta:

Receber o estrangeiro impõe modificações, sobretudo as crenças e os códigos do grupo, mais amplamente ainda todas as estereotipias ideológicas das representações identitárias. Conceder a hospitalidade a um estrangeiro equivale também a aumentar o círculo (isto é, o espaço) e aceitar um confronto: a ideologia do grupo posta à prova por outros valores. (MONTANDON, 2011, p. 803)

Assim, cabe a estes brasileiros aceitar ou não o confronto que é imposto por estes estrangeiros aos seus hábitos e costumes, para que esta relação de hospitalidade seja ou não bem sucedida. Montandon (2011, p. 800) ainda cita Jabês e Lévinas ao pontuar que apenas a vontade de nos tornarmos atentos à nossa própria estraneidade e de nos tornarmos estrangeiros para nós mesmos é capaz de nos tornar aptos a acolher o estrangeiro que bate à nossa porta.

Esta afirmação pode ser relacionada ao fato de a maioria dos brasileiros que se propõem ao papel de *buddy* serem interessados na cultura desses estrangeiros e, muitas vezes, terem eles mesmos vontade de realizar intercâmbio também. Ao serem questionados se possuem algum interesse no

país de origem de seu *buddy* estrangeiro, quase todos afirmaram que sim ou até mesmo que já realizaram intercâmbio no local.

4. DA HOSPITALIDADE

Cabe, em seguida, analisar a relação entre hóspede e anfitrião do ponto de vista da hospitalidade, tentando entender suas relações de conflito, de que forma este acolhimento foi visto por ambas as partes e se há coesão entre as opiniões de ambos os grupos.

Sobre a relação anfitrião-hóspede, Kristeva (1994) pontua:

O encontro equilibra o nomadismo. Cruzamento de duas alteridades, ele acolhe o estrangeiro sem fixá-lo, apresentando o anfitrião ao seu visitante, sem engajá-lo. Reconhecimento recíproco, o encontro deve a sua felicidade exatamente ao provisório, pois os conflitos o dilacerariam se ele tivesse que se prolongar. (KRISTEVA, 1994, p.18)

A autora aponta para a brevidade destas relações, pois estas seriam incapazes de se estender sem resultar em conflito. Podemos associar estes conflitos aos estudos de Mauss sobre a dádiva: o ato de dar, receber e retribuir, onde dar é uma obrigação. Mauss aponta como a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório (Lanna, 2000, p.176). Derrida ainda afirma que todo ato de hospitalidade é uma mescla entre hospitalidade condicional e incondicional, sendo esta permeada por condições e, conseqüentemente, conflitos.

Tal conflito se encontra desde as definições de hospitalidade, como aponta Soares (2010):

O termo “hospitalidade”, segundo Derrida, vem do latim hospes, formado de hostis (estranho), que também significa o inimigo estranho (hostilis) ou estrangeiro que, ora é reconhecido como hóspede (hôte), ora como inimigo. (SOARES, 2010, p.165)

Esta ambivalência no termo hospitalidade cunhou o termo *hostipitalidade* por Derrida (2000). Ainda segundo o autor, esta hospitalidade que acolhe o estrangeiro deveria, em sua plenitude, ser incondicional, no entanto, o mesmo reconhece que esta é repleta de condições. Podemos constatar isso ao analisar a língua na qual recebemos este estrangeiro. Espera-se do hóspede

que ele se adeque a língua do local que o recebe. Derrida (2003, p.115) afirma que esta língua na qual se acolhe representa não só o idioma, mas a cultura, os valores, as normas e as significações na qual se acolhe.

Apesar de ser clara a existência de conflitos, o acolhimento genuíno é possível, ocorrendo quando ambos os sujeitos realizam troca, aprendem e se transformam através da relação. Para que isso aconteça,

[...] cada sujeito deve abdicar de parte importante de suas demandas e acolher o outro dentro de si, abdicando da confortável certeza do saber prévio acerca do desejo de seu interlocutor, por meio do exercício empático. O acolhimento, ou a hospitalidade, nessa perspectiva, seria uma variante das relações humanas, no âmbito da vida cotidiana, potencializadora de aprendizagens para todos os envolvidos. Naturalmente, se a interação não ocorre, prevalecem as demandas autocentradas, e o fenômeno não se constitui (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p.2 apud SARTORI, 2019, p.36)

Com isso em mente, inicia-se a análise do questionário ao olhar da hospitalidade entre estrangeiro e brasileiros do Projeto Buddy.

Ao ser perguntado aos intercambistas se eles se consideravam próximos de seus *buddies*, 38,9% (7) responderam “Sim, muito”, 33,3% (6) responderam “Sim, um pouco” e 27,8% (5) responderam “Não”. Já ao serem questionados com que frequência falam com seus *buddies*, 11,1% (2) responderam “Sempre”, 44,4% (8) responderam “Frequentemente”, 27,8% (5) responderam “Raramente” e 16,7% (3) responderam “Nunca”. Por último, foram perguntados se acreditam que seu *buddy* facilitou sua adaptação ao Brasil. Para tal, 61,1% (11) responderam “Sim, muito”, 22,2% (4) responderam “Sim, um pouco” e 16,7% (3) responderam “Não”.

Já ao perguntarmos aos brasileiros se eles se consideravam próximos dos estrangeiros, 26,3% (5) responderam “Sim, muito”, 52,6% (10) responderam “Sim, um pouco” e 21,1% (4) responderam “Não”. Ao serem questionados sobre a frequência com a qual falam com os intercambistas, 5,3% (1) responderam “Sempre”, 57,9% (11) responderam “Frequentemente”, 31,6% (6) responderam “Raramente” e 5,3% (1) responderam “Nunca”. Por fim, lhes foi perguntado se acreditam ter colaborado para a adaptação do estrangeiro ao Brasil. Para tal, 42,1% (8) responderam “Sim, muito”, 52,6% (10) responderam “Sim, um pouco” e 5,3% (1) responderam “Não”.

Podemos analisar que a quantidade de estrangeiros que afirmam não falar com os seus *buddies* e não terem sido ajudados pelos mesmos é maior que a porcentagem de brasileiros que afirma não falar com o estrangeiro e não ter o ajudado. De alguma forma, então, os brasileiros acreditam ter sido capazes de suprir as necessidades de acolhimento do intercambista mais do que os intercambistas de fato consideram que tiveram suas necessidades supridas. Há uma falha de comunicação entre os dois grupos em relação ao resultado final deste acolhimento ou, até mesmo, uma percepção diferente sobre o que é hospitalidade para eles.

Em seguida, ao perguntar-se aos intercambistas de forma ampla “o que o seu buddy representa para você?”, dois tipos de respostas muito distintas foram coletadas. Por um lado, alguns se utilizaram de palavras como “amigo”, “gentileza”, “simpatia” e “meu anjo do Brasil” para definirem seus colegas *buddies*. Por outro lado, alguns definiram que seu *buddy* representava para si “quase nada”.

Associando a pergunta acima com a pergunta feita a seguir, podemos ver que existia da parte dos intercambistas não acolhidos devidamente uma vontade de se relacionar com esses brasileiros que não lhes deram hospitalidade, pois, ao serem perguntados “o que você mudaria ou acrescentaria no Projeto Buddy?”, algumas das respostas recebidas foram: “considerar melhor a personalidade dos *buddies* escolhidos”, “Alguns *buddies* não ajudaram como eles deveriam. Uma avaliação durante e não no final, seria melhor”, “Eu escolheria pessoas adequadas que podem ajudar os estrangeiro com carinho de verdade, antes de colocar um *buddy* para estrangeiros” e “Eu queria mais atividades que posso participar com outros *buddies* e intercambistas.”

Aos brasileiros, também foi perguntado o que acrescentariam ou mudariam no Projeto Buddy, ao qual respostas um pouco mais técnicas foram dadas. Algumas das respostas coletadas foram: “Eu tentaria profissionalizar ainda mais o programa e cobrar mais responsabilidade de todos os envolvidos.”, “Uma reunião mensal ou com alguma regularidade para interação e troca de experiências além dos eventos.”, “Talvez cronogramas do que ajudar e roteiros do que fazer, além de um tutorial básico para quem será buddy pela primeira vez, para não ficar muito perdido.” e “Acho que o pessoal da DRI

poderia auxiliar um pouco mais os buddies em relação a questões burocráticas a fim de que possamos ajudar mais os intercambistas.”.

É possível notar por parte dos brasileiros uma preocupação com a não capacidade de atender completamente a necessidade dos intercambistas, no momento que eles cobram por mais apoio da parte do projeto e da DRI de instruí-los em como fornecer essa hospitalidade. Também pedem para estar em mais contato com o projeto, tendo reuniões com mais frequência, para alinharem pensamentos e formas de apoio. Já por parte dos intercambistas, eles pedem para que haja mais critério na seleção dos alunos que irão compor o grupo de *buddies* e também pedem por mais oportunidades de contato entre todos os envolvidos, solicitando por mais encontros.

Podemos analisar aqui se a promoção de mais encontros seria de fato a solução para o maior engajamento de todos. Com a atual frequência de eventos realizados pelo projeto, a aderência por todos já não é uma realidade. Trata-se de uma queixa frequente que alguns brasileiros param de participar após a primeira semana. Talvez, a promoção de mais eventos fortaleceria o laço entre os *buddies* e intercambistas já engajados no projeto, mas não necessariamente seria capaz de trazer para perto os que abandonam suas funções após a primeira semana. Tal situação traz o questionamento: por quanto tempo os anfitriões estão dispostos a acolher? Montandon, afirma:

A condição do hóspede é a de não permanecer, senão ele se torna membro, se instala no espaço. Portanto, só se pode atribuir a ele um direito de residência temporária. Assimilar-se a uma comunidade é perder, como o meteco grego, o status de hóspede. É preciso falar do tempo da hospitalidade ou, antes, da brevidade dos diversos tempos, dos diversos hóspedes, pois “a hospitalidade é só uma etapa, ela não pode traduzir uma disposição constante dos seres (...)”. (MONTANDON, 2011, p.46)

É necessário questionar onde se traça essa linha de quanto tempo é tempo demais para se acolher. Talvez fosse necessário, ao selecionar os buddies, perguntar a esses brasileiros por quanto tempo eles estão dispostos a oferecer a hospitalidade necessária para este intercambista, pois o tempo plausível para o brasileiro precisa estar alinhado com o tempo necessário para o projeto.

Em seguida, é questionado aos brasileiros se possuem algum interesse específico no país, na língua ou na cultura do seu *buddy* estrangeiro. É

interessante analisar que os brasileiros que afirmam não terem qualquer interesse na cultura do estrangeiro são os mesmos que afirmam não terem se tornado próximos deste intercambista e não manterem contato. É necessário lembrar que o ato de acolher, o ato da hospitalidade, é um ato mútuo. Como afirmam Lashley e Morrison, esse ato “É um relacionamento (anfitrião e hóspede) baseado nas obrigações mútuas e, em última análise, na reciprocidade. Enfim, o hóspede torna-se o hospedeiro em outra ocasião” (2004, p. 15)

Sartori aponta que esse ato de acolher é definido por Perazzolo, Santos e Pereira (2014) como:

[...] um fenômeno que se instala no espaço constituído entre dois sujeitos que desejam acolher e ser acolhidos. A relação entre ambos opera por meio da percepção mútua, em que os elementos do discurso, “matizados” pelos desejos de um e outro sujeito, são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em nova comunicação dirigida ao emissor, em cujo conteúdo se encontram novos significados, com potencialidade perlocutória para a continuidade do ciclo interativo, para a geração de novos saberes (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2014, p. 52 APUD SARTORI, 2019, p. 36)

Dessa forma, para que a relação estabelecida entre ambos possa ocorrer de forma satisfatória, é necessário um diálogo mútuo onde ambos os lados sintam que podem dar, receber e retribuir. Quando um dos lados, nesse caso, o brasileiro que não possui interesses naquele intercambista, falha em estabelecer essa conexão, todo o processo de hospitalidade fica comprometido.

É válida, então, a sugestão feita por um dos intercambistas acima, de que se considere a personalidade dos *buddies* ao realizar o pareamento, pois, escolher *buddies* que tenham interesse pela cultura dos intercambistas pode de fato auxiliar na formação de um vínculo. É necessário também avaliar se esta pessoa está disposta a se abrir para o outro de forma a deixar seus estereótipos de lado e também a lidar com os estereótipos do outro sobre si. Como afirma Montandon:

O que está em jogo na acolhida do estrangeiro pode ser precisamente apreendido no modo negativo (temeroso) da perda de si. Por ser vivido como um desapossamento, ele constitui um questionamento para o qual o anfitrião nem sempre está pronto, embora seja uma condição

para que a hospitalidade ocorra, isto é, para que seja exitosa. (MONTANDON, 2011, p.802)

É necessário, então, desapossar-se de si para receber o outro. Lashley e Morrison ainda afirmam que “(...) as atividades de hospitalidade ajudam no desenvolvimento de laços sociais com terceiros e na satisfação subsequente das necessidades sociais.” (2004, p.12)

Conforme vimos mais acima, Kristeva (1994) aponta para a necessidade da brevidade dessas relações de hospitalidade, pois, caso se estendam, é inevitável que se resulte em conflitos. Visto que a maioria dos estrangeiros tem sua estadia no Brasil por 1 ano, podemos ver nas suas respostas descontentes em relação ao acolhimento de seus *buddies* que esse tempo passa a ser suficiente para que esses conflitos ocorram. Isso levanta novamente o questionamento de por quanto tempo deve ser válido o Projeto Buddy agir em seu papel de acolhimento para este estrangeiro e por quanto tempo deve-se exigir hospitalidade por parte dos *buddies*. Por outro lado, nos pareamentos bem sucedidos, podemos ver que após um tempo o brasileiro sai de sua posição de anfitrião e passa a assumir uma posição de amigo, passando então a assumir outros tipos de função para além das iniciais funções de hospitalidade lhe designadas.

A fim de analisar a relação do intercambista com o Projeto Buddy pelos olhos dos próprios e encerrando a análise de dados, foi questionado aos intercambistas se eles gostaram de ser recebidos pelo Projeto Buddy, ao que 88,9% (16) responderam “Sim” e 11,1% (2) responderam “Não”. Ao serem questionados se acreditam que o Projeto Buddy ajudou na sua adaptação, 77,8% (14) responderam “Sim, muito”, 11,1% (2) responderam “Sim, um pouco” e 11,1% (2) responderam “Não”.

Já aos brasileiros, foi questionado se estavam gostando de participar do Projeto Buddy, ao que 89,5% (17) responderam “Sim, muito” e 10,5% (2) responderam “Sim, um pouco”. Assim como aos estrangeiros, os brasileiros também foram questionados se acreditam que o Projeto Buddy ajuda na adaptação do intercambista ao Brasil, para o qual 89,5% (17) responderam “Sim, muito” e 10,5% (2) responderam “Sim, um pouco”.

Ao que diz respeito à estrutura de apoio da UFJF como um todo ao estrangeiro, 50% (9) dos intercambistas definiram como “Ótima”, 33,3% (6)

definiram como “Boa” e 16,7% (3) definiram como “Razoável”, não havendo respostas para as opções “Ruim” e “Péssimo”. Já no que tange os brasileiros, ao serem perguntados a mesma questão, 21,1% (4) definiram a estrutura de apoio como “Ótima”, 68,4% (13) definiram como “Boa” e 10,5% (2) definiram como “Razoável”.

Podemos concluir, então, que a relação entre participantes do projeto e intercambistas com a estrutura de apoio da UFJF (Projeto Buddy e DRI) possui um saldo positivo, tendo ambos os grupos, em sua maioria, avaliado bem sua relação tanto com o Projeto quanto com a estrutura que a DRI disponibiliza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados coletados, é possível aferir que o impacto do Projeto Buddy na UFJF e sua comunidade é positivo e a grande maioria dos envolvidos, tanto intercambistas quanto *buddies*, estão satisfeitos em participar do projeto, apesar de verem também espaço para melhorias.

Ao que tange a relação de troca entre intercambistas e brasileiros, foi possível concluir que em sua maioria o resultado também é positivo, tendo grande parte dos hóspedes relatado estarem satisfeitos com o acolhimento que receberam. No entanto, ao tratarmos dos pareamentos que não foram bem sucedidos, esbarramos na questão da falta de procura de um lado pelo outro, na qual pudemos perceber que alguns dos brasileiros não desenvolveram interesse pelo intercambista. Isso poderia ser resolvido pelo projeto através de uma seleção de pessoas que tenham interesse prévio nas línguas e culturas dos intercambistas selecionados, criando então um vínculo inicial entre esses envolvidos e aumentando a chance de êxito na relação.

Sobre essas pessoas que devem ser selecionadas como pessoas hospitaleiras para o projeto, Telfer apud Lashley e Morrison afirma:

Os motivos ligados à hospitalidade são aqueles em que a preocupação relativa à satisfação e ao bem-estar do hóspede, no seu interesse próprio, são predominantes [...] E as pessoas hospitaleiras, aquelas que possuem o traço característico da hospitalidade, são aquelas que acolhem muitas vezes por um ou mais de um motivo ligado à hospitalidade [...] (TELFER apud LASHLEY E MORRISON, 2004, p.16)

Analisando os hábitos desenvolvidos pelos estrangeiros no Brasil e sua relação de conflito com a nova cultura, foi possível perceber que os mesmos estereótipos vêm à tona tanto quando perguntamos para os intercambistas quanto quando perguntamos para os brasileiros a sua visão do que o intercambista estava vivendo. Dois exemplos que foram amplamente citados são a suposta irresponsabilidade com horários e o excesso de contato físico do brasileiro. Visto que os mesmos tópicos surgem com muita frequência como fontes de choque cultural para esses estrangeiros, seria válido que o Projeto Buddy se reunisse previamente com os *buddies* selecionados para informá-los sobre esses tópicos e instruí-los sobre como lidar para amenizar tal choque para os estrangeiros. Em uma situação em que o *buddy* já saiba os possíveis conflitos que o estrangeiro irá sofrer antes que os mesmos aconteçam, talvez seja possível lidar com os mesmos com maior êxito, impedindo que o primeiro contato seja de grande choque.

Enfim, foi possível constatar que ao serem perguntados se gostaram de ser recebidos pelo Projeto Buddy, apesar de a grande maioria dos intercambistas responder “Sim”, houve também quem respondesse “Não”. Seria válido que o Projeto Buddy, através da DRI, comunicasse previamente ao estrangeiro sobre a existência do projeto, explicando detalhadamente suas funções e objetivos, e dessem a oportunidade do mesmo escolher se tem ou não interesse em ser recebido por um *buddy*, evitando situações de desconforto.

Diante do que foi apresentado e da constatação de que somos todos diversos e, portanto, de alguma forma somos todos estrangeiros em um mundo que se integra, dissolve fronteiras, acelera processos de difusão de informações e valores culturais, reforça-se a importância dos estudos de hospitalidade e acolhimento, em especial para a vida de intercambistas em um ambiente universitário.

Por fim, através desses estudos e da análise dos questionários, tornou-se possível propor sugestões para o melhoramento do Projeto Buddy como um todo e da relação entre intercambistas e *buddies*. Fica comprovado também a importância do projeto para a comunidade da UFJF e os impactos positivos que este vem trazendo para a universidade, entre os quais se destaca

a melhor integração dos intercambistas recebidos e o envolvimento de alunos da UFJF em temas que envolvem internacionalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Editora Zahar, 2017.

COELLI, T. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: Antes, Durante e Depois - Uma análise sobre ex-intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais, Brasil)**. Turismo & Sociedade (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 7, n. 4, p. 733-754, outubro de 2014.

COSTA, M. D.; BRUSADIN, L. B. (2021). **A hospitalidade acadêmica na Universidade Federal de Ouro Preto: estudo das relações e práticas de acolhimento institucional**. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, 9 (3), Set./dez 10.26512/revistacenario.v9i3.35576.

FREITAS, M. E.; DANTAS, M. **O estrangeiro e o novo grupo**. Pensata. São Paulo. v. 51, n. 6. nov/dez. 2011.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. / Jacques Derrida [Entrevistado]; Anne Dufourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Otoni. – São Paulo: Escuta, 2003.

ESTRANGEIRO. *In*: DICIO, Dicionário Oxford Languages.

FABRI, M. **Entre Hospes e Hostis: Hospitalidade como resposta ao estrangeiro**. Thaumazein, Ano V, Número 12, Santa Maria (Dezembro de 2013) pp. 104-116.

GONÇALVES, Rayane Araújo; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; "O Papel dos Estereótipos na Construção da Identidade dos Brasileiros em um Livro Didático de PIE", p. 73 -88. *In*: **Processos Psicossociais de Exclusão Social**. São Paulo: Blucher, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

LANNA, M. **Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dívida**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, nº14: p. 173-194, jun 2000.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Editora Manole, 2004.

LUCE, M.; FAGUNDES, C.; MEDIEL, O. **Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 317-339, jul. 2016.

MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**. Senac SP, São Paulo, 1ª edição, fev. 2011.

QUIROGA, S. R. **Alunos e Internacionalização: Mobilidade Estudantil nos Processos de Internacionalização**. © Rev. Inter. Educ. Sup. Campinas, SP. v.6. 2020.

SARTORI C. F. **A dinâmica da relação de acolhimento entre intercambistas acadêmicos estrangeiros e acolhedores institucionais**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2019.

SAUBORIN, E. **Marcel Mauss: da dívida à questão da reciprocidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 23 Nº. 66, fevereiro/2008.

SOARES, V. D. M. **Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida**. Ensaios Filosóficos, Volume 11 - outubro/2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Diretoria de Relações Internacionais. Disponível em: < <https://www2.ufjf.br/internationaloffice/> >

ANEXO 1**QUESTIONÁRIO HÓSPEDE**

Perfil do Entrevistado:

- Quantos anos você tem?
- Qual gênero se identifica?
- Qual seu país de origem?
- Há quanto tempo está no Brasil? Ou quanto tempo você ficou no Brasil?
- Se você ainda está no Brasil, quanto tempo falta para voltar ao seu país?

Relação com o Projeto Buddy:

- Você se considera próximo do seu Buddy?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Com que frequência você fala com o seu Buddy?
() Sempre () Frequentemente () Raramente () Nunca
- Você acha que o seu buddy facilitou sua adaptação ao Brasil?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Em quais situações você sente que seu buddy mais ajuda você na sua adaptação? Se possível, conte uma situação que já aconteceu.
- O que o seu buddy representa para você?
- Você se considera próximo dos outros intercambistas?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Com que frequência você fala com os outros intercambistas?
() Sempre () Frequentemente () Raramente () Nunca
- Você teve dificuldade no seu contato com os outros intercambistas?
() Sim, muitas () Sim, um pouco () Não
- Você acha que o Projeto Buddy ajudou na sua adaptação ao Brasil?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Você gostou de ser recebido pelo Projeto Buddy?
() Sim () Não
- O que você acha da estrutura de apoio ao estrangeiro na UFJF?
() Ótima () Boa () Razoável () Ruim () Péssima

- O que você mudaria ou acrescentaria no Projeto Buddy?
- Alguma coisa incomodou você no Projeto Buddy? O que?
- Como você define o Projeto Buddy?

Hábitos no Brasil

- O que você estranhou quando chegou ao Brasil?
- Você ainda acha isso estranho ou já se acostumou?
- Qual hábito brasileiro você acha que já incorporou à sua rotina?
- Há algum hábito brasileiro que você não quer incorporar? Qual?
- O que você acha que já aprendeu com os brasileiros?
- Você acha que já ensinou algum hábito seu aos brasileiros com quem você convive? Qual?
- Tem alguma coisa que você pensava sobre o Brasil antes de chegar aqui e você descobriu que é verdade?
- Tem alguma coisa que você pensava sobre o Brasil antes de chegar aqui e você descobriu que NÃO é verdade?
- Como você mantém contato com seus parentes e amigos em seu país nativo? Sobre o que vocês normalmente conversam?
- O que você trouxe como objeto mais importante que lembra você da sua casa?
- O que você acha que vai levar para seu país como referência da sua experiência no Brasil?
- Classifique sua relação com o Brasil e com os brasileiros até o momento.
1 2 3 4 5
- Você quer voltar ao Brasil no futuro?
() Sim () Não

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO ANFITRIÃO**

Perfil do Entrevistado:

- Quantos anos você tem?
- Qual gênero se identifica?
- Qual seu curso de graduação na UFJF?
- Por que você se interessou pelo Projeto Buddy da UFJF?
- Como ficou sabendo do Projeto Buddy?
- Qual o país de origem do seu buddy?
- Você tem algum interesse em especial no país de origem do seu buddy?
Por que?
- Você já foi ao país de origem do seu buddy?
() Sim () Não
- Você fala o idioma nativo do seu buddy? Se sim, utiliza com ele?

Relação com o Projeto Buddy

- Você se considera próximo do seu Buddy?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Com que frequência você fala com o seu Buddy?
() Sempre () Frequentemente () Raramente () Nunca
- Você acredita ter colaborado para a adaptação do seu buddy ao Brasil?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Quando e em quais situações você sente que faz a diferença e se considera uma peça importante para a adaptação do seu buddy? Se possível, relate um caso.
- O que o seu buddy representa para você?
- Você acredita que o Projeto Buddy ajuda na adaptação dos estrangeiros ao Brasil?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não
- Você está gostando de participar do Projeto Buddy?
() Sim, muito () Sim, um pouco () Não

- O que você acha da estrutura de apoio ao estrangeiro na UFJF?
() Ótima () Boa () Razoável () Ruim () Péssima
- O que você mudaria ou acrescentaria no Projeto Buddy?
- Alguma coisa te incomodou no Projeto Buddy? O que?
- Defina o Projeto Buddy. Esta questão é totalmente livre para as suas percepções pessoais.

Sobre o estrangeiro

- Você notou algum estranhamento inicial do seu buddy ao Brasil?
Comente.
- Se sim, ele permanece pensando/agindo assim ou parece ter se acostumado? Ele superou esse estranhamento?
() Sim, totalmente () Sim, parcialmente () Não
- Qual desconforto ou julgamento da parte dele em relação à alguma atitude ou hábito brasileiro você já reparou?
- Quais hábitos brasileiros você acha que ele incorporou?
- Você acha que já incorporou algum hábito dele à sua rotina? Qual?
- Qual estereótipo sobre o Brasil ele tinha quando você o conheceu, que depois ele notou não ser verdade?
- Você acredita que, no geral, seu buddy tem um bom relacionamento com o Brasil e com os brasileiros?
() Sim, totalmente () Sim, parcialmente () Não